A importância das ferramentas jornalísticas na obra “holocausto brasileiro” de daniela arbex

**Resumo**

**Pretende-se neste artigo abordar o livro Holocausto Brasileiro, escrito pela jornalista premiada Daniela Arbex, a qual se trata das torturas e maus tratos sofridos pelos pacientes do Hospital Colônia de Barbacena no estado de Minas Gerais, fundado em 1903. As barbaridades ocorreram no período entre 1930 e 1980. As autoridades e a população fecharam os olhos para essa tragédia durante quase um século, enquanto homens, mulheres e crianças eram abandonados pela família e pela sociedade passando por situações desumanas, deixados à própria sorte. A linguagem jornalística tem papel primordial na obra, pois através da apuração de dados e informações que a obra foi estruturada, além dos processos de documentação e uso de fotografias. A importância desses atributos na obra é demonstrada nesse processo de pesquisa.**

**Palavras-chave: linguagem jornalística; preservação documental; fotografia.**

**ABSTRACT**

**This article intends to address the book "Brazilian Holocaust", written by the award-winning journalist Daniela Arbex, which deals with the torture and ill-treatment suffered by the patients of the Hospital Colônia de Barbacena in the state of Minas Gerais, founded in 1903. The barbarities occurred between 1930 and 1980. Authorities and the population turned a blind eye to this tragedy for nearly a century as men, women, and children were abandoned by family and society through inhumane situations left to their own devices. The journalistic language has a primordial role in the work, because through the verification of data and information that the work was structured, in addition to the processes of documentation and use of photographs. The importance of these attributes in the work is demonstrated in this research process.**

**Keywords**: journalistic language; documentary preservation; photography.

1. INTRODUÇÃO

Holocausto brasileiro foi o nome dado pela jornalista Daniela Arbex ao livro-reportagem lançado em 2013, que tinha como intuito expor o que foi o genocídio do hospital Colônia de Barbacena no estado de Minas Gerais. Com um total de aproximadamente 60 mil mortos, ela compara tal acontecimento à trágica barbárie que foi o Holocausto judeu, já que os pacientes se igualavam à prisioneiros dos campos de concentração nazistas.

Milhares de pessoas foram internadas sem diagnóstico de doença mental, levadas pelo chamado “Trem dos doidos” – responsável por deixar pacientes durante anos em hospitais com superlotação e sem as devidas condições higiênicas necessárias. Os pacientes caracterizados como “loucos” eram pessoas tristes, tímidos, homossexuais, meninas que engravidaram de patrões e, até mesmo, crianças rejeitas pelos pais por não serem perfeitas. Pessoas consideradas “escórias” da sociedade.

Apesar de ser um livro de conteúdo informativo, Daniela consegue fazer com que o leitor sinta a história, expressando todo o sofrimento dos sobreviventes deste holocausto. O livro traz, não só a linguagem jornalística, mas também dados, fotos e estatísticas, além da imersão do leitor à história de cada uma das vítimas, reforçando suas individualidades.

Mantidos em condições sub-humanas, os internos eram submetidos aos mais aterrorizantes tratamentos, o que ocasionou na morte de inúmeros pacientes. Seus corpos foram depositados, aos montes, em um cemitério claramente muito menor que o recomendável, ou pior, foram vendidos para faculdades de medicina do país inteiro, como indigentes.

Devido à observação feita a partir da visão dos alunos do segundo período do curso de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda do UNIFATEA, o texto escrito por Daniela Arbex, busca fazer uma análise mais profunda da linguagem utilizada pela autora e das diversas camadas apresentadas pelo texto para apresentar sua leitura de maneira mais completa ao leitor, proporcionando assim uma melhor experiência com o livro. Ao que concerne na justificativa social, este pretende promover reflexão sobre a realidade de pacientes psiquiátricos na cidade, além de sua inclusão e papel na sociedade brasileira. Profissionalmente, o projeto tem como foco desenvolver o conhecimento na linguagem jornalística em produção de livros e afins. Logo, como o uso das técnicas jornalísticas e de comunicação definiram a produção da obra de Arbex?

Torna-se evidente, portanto, que a obra de Daniela Arbex traz à tona uma das maiores atrocidades da história da medicina brasileira e do tratamento dado aos pacientes com transtornos psiquiátricos nos anos 80, e, em consequência desse, a necessidade de disseminação deste acontecimento histórico faz-se necessária, para a conscientização da população e posterior mudança de pensamento da sociedade.

1. SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Linguagem Jornalística: Jornalismo Literário

De um lado, o jornalismo e seu compromisso com a veracidade das informações. Por outro, a literatura e a sua maneira romanceada de narrar desde poesias a cartas. Desta miscelânea, surge uma das fórmulas encontradas pelos jornalistas para prender seus leitores. As origens do denominado jornalismo literário não possuem consenso entre os autores que o estudam. Cita-se desde a crise do papel (DINES, 1986, p. 76) até a censura nas páginas dos jornais que fez os profissionais buscarem, na literatura, uma alternativa para a publicação de seus conteúdos (COSSON, 2007, p. 89).

No Brasil, muitos foram os jornalistas que fizeram das notícias corriqueiras grandes histórias. Por meio de investigação e estrutura literária, o jornalismo ganhou ar artístico e humano. A jornalista Daniela Arbex, em Holocausto brasileiro (2013), consegue utilizar recursos literários para construir uma denúncia contra as injustiças, a barbárie e a desumanidade praticada, durante a maior parte do século XX, no maior hospício do Brasil, conhecido por Colônia, em Minas Gerais.

Para Pena (2016, p. 13-15), o jornalismo literário é como uma Estrela de Sete Pontas, que funciona quando todas as características estão presentes. Seu conceito destaca a primeira ponta da estrela como potencializar o conhecimento absorvido no jornal diário. Aqui estão incluídas a checagem de informação, apuração exaustiva, abordagem ética e a observação atenta. A próxima ponta se encarrega de ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, ou do factual. Nesse caso, o repórter não tem mais o deadline de entregar o material no fechamento da edição. Não há periodicidade e atualidade. A terceira característica é buscar e proporcionar ao leitor uma ampla visão da realidade. “A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação de forma mais abrangente possível” (PENA, 2016, p. 14). A quarta ponta da estrela tem a ver com o compromisso social do jornalismo: exercer a cidadania. A pauta deve ser relevante a ponto de contribuir à sociedade e à formação do cidadão. Sem fórmula pronta, a quinta característica do gênero é quebrar com o lead. Em sexto, se evitam os “definidores primários”, ou seja, aquelas fontes oficiais (que exercem algum cargo público ou especialistas) que sempre dão entrevistas e complementam as notícias. Neste aspecto, o jornalismo literário se preocupa muito mais com as histórias de pessoas “comuns”, pessoas da vida real, os anônimos. Por último, a última das sete pontas é a perenidade. O texto deve permanecer por gerações, influenciando e servindo de aprendizado no contexto social daquele local (PENA, 2016). Além de Pena (2016), Lima (2017), ao propor um novo conceito sobre o jornalismo literário, traz três categorias de conteúdo que auxiliam na conceituação. Lima (2017) entende que os conceitos de jornalismo literário estão bem disseminados no âmbito acadêmico e bem compreendidos na prática dos repórteres, mas enxerga uma lacuna quanto à visão de mundo presente nessas narrativas. Ao experimentar essa proposta, o autor traz um novo conceito: o de Jornalismo Literário Avançado no século XXI. São apresentadas três categorias de conteúdo: Os textos do Jornalismo Literário carregam, inevitavelmente, o legado múltiplo dos paradigmas formais ou mesmo inconscientes que conformam o modo com que percebem, interagem com, captam e expressam o real. Nesse processo de comunicação entram em jogo crenças, valores, modelos de conhecimento pertencentes ao universo individual de cada autor, ao seu campo de prática profissional, à sociedade de sua época e lugar, às influências múltiplas procedentes das mais diversas fontes do mundo globalizado de nossos dias, numa dinâmica e complexa efervescência borbulhante dos inúmeros fatores que geram nossa construção simbólica do que entendemos por realidade (LIMA, 2017).

Na narrativa jornalística há sempre uma relação íntima entre personagens e pessoas físicas porque personagens representam pessoas reais. No jornalismo os personagens costumam ser fortemente individualizadas. Os designo dos personagens, tais como nomes, identificadores e referências devem ser particularmente observados. Jornalismo é um processo de transmissão de informação. O jornalismo é apenas uma vertente de um grande mundo, o da Comunicação. (LOPES, 2010).

* 1. Jornalismo Investigativo

No Brasil, o jornalismo investigativo começou algumas décadas mais tarde, após fim da ditadura militar (1964-1985), quando a censura acabou (FORTES, 2005, p. 9). De acordo com Fortes (2005, p. 9), foi com a volta da democracia que os jornalistas passaram a ter mais espaço e realizarem melhores buscas pela notícia. Outro marco importante para o gênero no Brasil foi a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, a Abraji, em 2002, uma vez que a instituição de jornalistas é desvinculada do campo empresarial da comunicação e não representa interesses privados (FORTES, 2005, p. 9).

**2.3 Análise**

O primeiro capítulo inicia com a história de Marlene Laureano, uma moça que passou em um concurso público e foi contratada como atendente psiquiátrica no Hospital Colônia, em Barbacena. Foi o segundo emprego dela. Logo no início, um dos sete conceitos de Pena (2015) aparece, que é a quebra do lead, no primeiro parágrafo, quando Arbex abre o texto contextualizando a vida da funcionária.

Em seguida, a narrativa faz a ambientação do pavilhão Afonso Pena e traz números como o dos 70 mil mortos nas dependências da instituição ao longo dos anos de funcionamento. A maneira como os pacientes chegavam ao Colônia também é descrita neste capítulo. Eram os chamados “trens de doido”, que levavam pessoas amontoadas, semelhante ao que os nazistas faziam com os judeus na II Guerra Mundial. Aqui, já é possível perceber a terceira característica proposta por pena para o jornalismo literário: a ampla visão da realidade, que se trata do aprofundamento exaustivo do fato. Ampla visão da realidade não pode ser compreendida como sinônimo de visão de mundo, mas sim da incansável busca do repórter atrás das informações que tragam o melhor contexto possível e possam situar o leitor sobre os fatores envoltos (PENA, 2015, p. 14).

Para construção do material, Arbex (2013) entrevistou os personagens que possuem suas histórias descritas no livro, como a antiga funcionária do Colônia Marlene Laureano. Esse fator, de buscar pelos protagonistas dos acontecimentos no hospital mineiro, correspondem a outra conceituação de Pena (2015), que é de evitar os definidores primários, ou seja, as fontes que sempre têm voz nos veículos de comunicação. Essa característica fica evidente quando a jornalista conta a história de um dos pacientes, Antônio Gomes da Silva. A classificação de evitar os definidores primários aparece outras vezes ao buscar fontes que não eram ditas oficiais, mas sim protagonistas desta história, como pacientes e ex-funcionários.

Os outros dois fatores propostos por Pena (2015) para definir o jornalismo literário, que são a perenidade e o exercício da cidadania, ficam explícitos pelo contexto social que envolve a narrativa a importância da obra em apresentar e manter, na memória dos brasileiros, um capítulo triste de violação dos direitos humanos que, antes da obra, talvez poucos conhecessem.

O segundo conceito de Lima (2017), que se refere à maneira como o jornalista cria a realidade e como isso fica implícito no texto, é possível perceber a partir da escolha da pauta e pela autora acreditar que esta é uma história que precisava ser contada; e por segundo pelos elementos que Arbex (2013) traz ao público. Ou seja, contar a intimidade dos personagens com os quais ela criou uma empatia ou então relacionar o que aconteceu no hospital Colônia aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, em que os nazistas mataram judeus aos milhares em campos de concentração. Além de identificar fatores do jornalismo literário, também é possível observar a presença de elementos do jornalismo investigativo, segundo o proposto na categoria de análise. O primeiro item, que é associar vários fatos que têm em comum o mesmo tempo e espaço, fica explícito com a mescla de histórias que a jornalista conta, que tem em comum a vida na instituição psiquiátrica de Barbacena, no século XX.

A terceira categoria de Leandro e Medina (apud COSTA e LUCHT, 2010) é a união de informação jornalística e conhecimento científico, a fim de criar um quadro de referências. Por fim, ainda é possível mencionar a classificação de Pena (2015) para o investigativo, que é promover questionamentos acerca das consequências do conteúdo jornalístico produzido, presente na narrativa de Arbex (2013), a partir do momento em que as histórias dos pacientes são expostas e são descritos procedimentos bárbaros e condições de vida precárias.

* 1. **A importância da preservação documental e acervo fotográfico**

O livro Holocausto Brasileiro traz de forma crua, a realidade da psiquiatria das décadas de 70 e 80 nas instituições do estado de Minas Gerais. A importância da linguagem jornalística, da coleta de dados e da descrição utilizada por Arbex é que através da representação fiel da vigente realidade o livro traz às características do sistema psiquiátrico da época e da realidade dos pacientes destas instituições.

A este respeito, declara:

“O livro que descreve esta tragédia é muito bem documentado, inclusive com acervo fotográfico de reportagens jornalísticas e foi organizado em torno de histórias pessoais e entrevistas com trabalhadores do local, médicos e pacientes sobreviventes.” (PERON, 2013, p.1)

O uso da documentação e de fotografias como forma de tornar a obra mais fiel faz com que a obra retrate a realidade de dentro dos hospitais da época. A preservação documental é primordial para a realização completa da obra, para Abrahão (2010), este processo faz-se importante, pois cria acessibilidade para a sociedade e para a comunidade acadêmica ter acesso à informações que tragam conhecimento e, posteriormente, benefícios em áreas de pesquisa. No que concerne às fotografias, Mansur (2004) defende que a documentação fotográfica tem que ser compreendida, pois esta, de forma estruturada, resgata e interpreta a memória coletiva.

Ainda sobre a importância da fotografia, afirma:

“Necessitamos entender que a fotografia também é um instrumento pedagógico de conscientização da realidade na qual vivemos, é uma forma de perceber os erros e os avanços do passado com o importante papel na construção da memória coletiva. Principalmente quando herdamos da história contemporânea o conturbado modelo de sociedade, onde não se tem mais raízes para se segurar, em virtude do processo de globalização com as suas dramáticas consequências econômicas e socioculturais podendo significar prosperidade plena para uns e a miséria absoluta para muitos.” (Oliveira, 2010, p.4)

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra de Daniela Arbex, “Holocausto Brasileiro”, retrata a triste realidade dos pacientes do Hospital Colônia de Barbacena. Essa obra possibilitou analisar a individualidade de cada um dos pacientes citados e, com isso, pôde-se perceber a necessidade de projetos pedagógicos que considerem a análise da linguagem jornalística.

Para se atingir uma compreensão dessa realidade, definiu-se um objetivo específico. Este, o desenvolvimento do conhecimento na linguagem jornalística em produção editorial, demandou análise de revistas, artigos científicos e livros. Percebeu-se, portanto, a necessidade da preservação documental para a imortalização da história.

Como já detalhado anteriormente, tem-se, de maneira geral, um déficit na aplicação da linguagem jornalística em projetos pedagógicos. Dessa forma, a linguagem jornalística defina esta obra, uma vez que, parte do pressuposto de que todas e todos devem entender o conteúdo transmitido. A obra de Arbex apresenta os seguintes preceitos: objetividade, simplicidade, imparcialidade e linguagem referencial, no qual o foco é mantido na história, e universalidade, que abrange assuntos relevantes para a sociedade.

Em consonância com o conteúdo apresentado, seguindo a leitura da obra, percebe-se um potencial criativo ainda pouco explorado nas universidades brasileiras. Uma sugestão viável para a propagação da história de nosso país é a inclusão do material na bibliografia básica dos cursos de Comunicação Social. Tal medida requereria dos educadores conhecimento técnico jornalístico.

Em pesquisas futuras, pretende-se propor essa e outras leituras a alunos da rede de ensino superior. O exercício demonstraria a real eficácia da incorporação de materiais com linguagem jornalística no cotidiano do corpo discente.

**REFERÊNCIAS**

ABRAHÃO, Elaine Morelli. Memória Científica: A Importância da Preservação Documental. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. CD-ROM.

BERTOL, Sonia Regina Schena. Investigativo e literário: o hibridismo de gêneros jornalísticos em “O Holocausto Brasileiro” 1. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04. Editora: Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS a 09/09/2017.

CHAISE, Maria Joana Chiodelli. Investigativo e literário: o hibridismo de gêneros jornalísticos em “O Holocausto Brasileiro” 1. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04. Editora: Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS a 09/09/2017.

CHALHUB, Samira. Funções da linguagem. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Lailton Alves. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros Jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

GRADIM, Anabela. Manual de Jornalismo, Covilhã: Universidade de Beira Rio, 2000.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manoele, 2009.

LOPES, Paula. Jornalismo e linguagem jornalística: revisão conceptual de base bibliográfica. In: Camões- Repositório Institucional da Universidade Autônoma de Lisboa. http://hdl.handle.net/11144/198. Editora: Universidade da Beira Interior. 2010.

MANSUR, Douglas Amparo. Os Horizontes da Documentação Fotográfica na construção da memória na Conquista da Terra - Paraná (Região Centro-Oeste e Paraguai (Região do Alto Paraná). São Paulo- USP- 2004. Dissertação de mestrado.

MELO, José Marques de. Gêneros Jornalísticos.In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros Jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MUNIZ, Sodré; FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

O resgate da ética no fotojornalismo: A banalização das imagens nos meios de comunicação Erivam Morais de Oliveira

PALUDO, Larissa Julia. Investigativo e literário: o hibridismo de gêneros jornalísticos em “O Holocausto Brasileiro” 1. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04. Editora: Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS a 09/09/2017.

PERON, Paula Regina. A trágica história do Hospital Psiquiátrico Colônia. Psic. Rev. São Paulo, volume 22, n.2, 261-267, 2013

RÊGO, Ana Regina; AMPHILO, Maria Isabel. Gêneros em jornais de prestígio. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros Jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

TRESCA, Laura Conde. Gênero Informativo. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros Jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.